



Notícias sobre o evento em Vitória (ES), que se encerrou hoje, serão divulgadas na nossa edição da semana que vem.

ESCOLA DE VERÃO MANTÉM LEGADO DO PROFESSOR ELIEZER BARREIRO

Página 5

RICARDO STUCKERT/FOTOS PÚBLICAS



BRUMADINHO

Estudo da UFRJ e da Fiocruz mostra que a população de Brumadinho ainda sofre as consequências do rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale, de seis anos atrás. Entre as descobertas, metais pesados foram detectados em 100% das amostras de urina de meninos e meninas entre zero e seis anos de idade. O arsênio, elemento químico que pode ser fatal a humanos em doses altas, é o que mais preocupa: entre 2021 e 2023, o número de crianças com níveis acima do valor de referência passou de 42% para 57%, em média.



DESTRUIÇÃO A tragédia provocada pelo rompimento da barragem da Vale completou seis anos no último dia 25. Reflexos da lama tóxica ainda se abatem sobre a população

Brumadinho sofre na saúde os efeitos do desastre

> Estudo conjunto da UFRJ com a Fiocruz sobre reflexos do rompimento da barragem da Vale, em 2019, identifica exposição a metais tóxicos em crianças e aumento de doenças respiratórias na população

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufjr.org.br

Foram 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério, que mataram 272 pessoas e soterraram sonhos e memórias. Passados seis anos do rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale, em Brumadinho (MG), um estudo conjunto da Fiocruz e da UFRJ mostra que a população local ainda convive com as marcas da tragédia, agora traduzida em graves problemas de saúde. Entre as descobertas, o estudo divulgado no último dia 24 detectou a presença de metais pesados, entre os quais o arsênio e o mercúrio, em 100% das amostras de urina de crianças de zero a seis anos analisadas na cidade mineira.

O estudo avalia desde 2021 os efeitos do desastre na saúde dos habitantes de quatro localidades de Brumadinho. Os dados divulgados se referem ao trabalho de campo feito em 2023 e revelam que, entre as crianças de zero a seis anos, havia a presença de pelo menos um dos cinco metais monitorados (cádmio, arsênio, mercúrio, chumbo e manganês) em todas as amostras de urina analisadas. O arsênio, elemento químico



Uma coisa é você ou eu termos uma exposição a chumbo ou mercúrio, outra coisa é um bebê de dois meses"

CARMEN FRÔES ASMUS
Professora do IESC/UFRJ

que pode ser fatal a humanos em doses altas, é o que mais preocupa: entre 2021 e 2023, o número de crianças com níveis acima do valor de referência passou de 42% para 57%, em média.

Os percentuais de arsênio são ainda mais expressivos em localidades próximas à área do desastre ou da mineração ativa

no município. No povoado de Aranha, distante dez quilômetros do epicentro do desastre, os índices do metal nas amostras acima do valor de referência mantiveram-se entre 50% e 52%. Já nas duas localidades mais próximas — Córrego do Feijão e Parque da Cachoeira — e na qual há mineração ativa — Tejuco —, os percentuais de 2023 sobem de forma significativa, se comparados aos de 2021. No Parque da Cachoeira e no Córrego do Feijão saltam de 29%, em 2021, para 54% e 62,5%, respectivamente, em 2023. Em Tejuco, quase dobram: vão de 37,5% a 72%.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, em observação destacada no estudo, os metais arsênio, cádmio, chumbo e mercúrio estão entre as dez substâncias tóxicas de maior preocupação para a saúde pública.

SINAL DE ALERTA

O estudo faz parte do Programa de Ações Integradas em Saúde de Brumadinho, financiado pelo Ministério da Saúde. Ele é dividido em duas frentes. O projeto Saúde Brumadinho é voltado para adultos e adolescentes. Já o projeto Bruminha tem foco nas crianças de zero a seis anos. Em 2023, o programa monitorou 130 crianças, 175 adolescentes e 2.520 adultos.

"Acho que os resultados da ex-

posição das crianças aos metais ligam um sinal de alerta. Nosso organismo não produz arsênio, chumbo ou mercúrio, eles sempre vêm do ambiente. Se eu tenho uma população vivendo numa região de mineração, e existe uma exposição dessa população nessa faixa etária, isso é preocupante. É o momento de maior crescimento na vida humana. Você vê um bebê que não levanta a cabecinha e um ano depois está começando a andar. São células se dividindo e se multiplicando, suscetíveis à penetração de qualquer substância tóxica", avalia a professora Carmen Frôes Asmus (IESC/UFRJ), coordenadora do projeto Bruminha.

Os pesquisadores ressaltam que os resultados demonstram uma exposição aos metais, e não uma intoxicação, que só pode ser assim considerada após avaliação clínica e exames para definir o diagnóstico. "Intoxicação é um quadro clínico, um conjunto de sinais e sintomas. O que detectamos é uma exposição disseminada das crianças aos resíduos desses metais. O que não deixa de ser preocupante. Uma coisa é você ou eu termos uma exposição a chumbo ou mercúrio, outra coisa é um bebê de dois meses. É um organismo que está num processo tão grande de construção que um agente tóxico vai

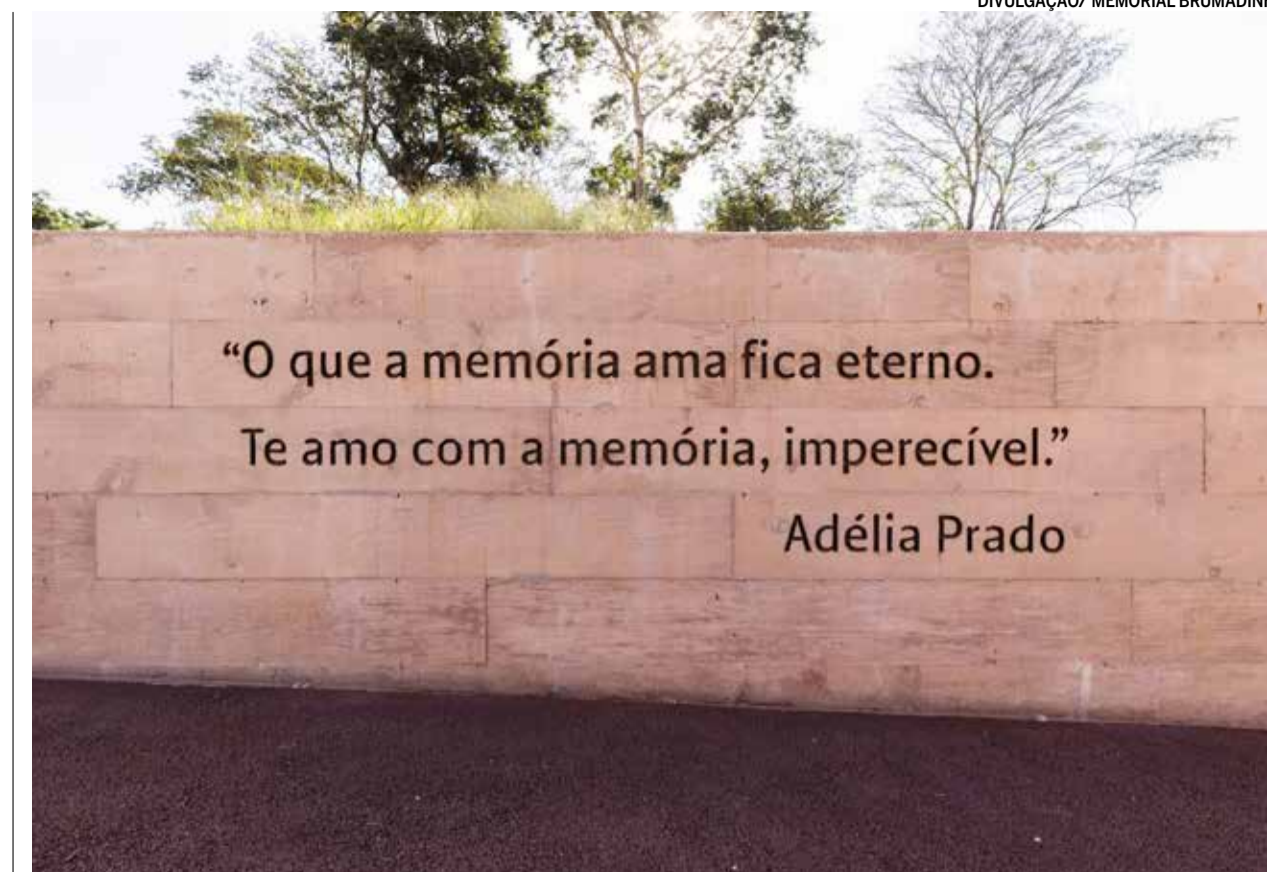
ter um potencial de ação lesiva muito mais forte, em doses menores, do que se fosse com você ou comigo", explica a docente.

Um dos maiores especialistas do país em saúde pública, o professor emérito Volney Câmara, também do IESC, partilha da mesma visão. "Os metais podem causar muitos efeitos crônicos, que podem não estar visíveis neste momento. São efeitos insidiosos. É fundamental o acompanhamento dessas pessoas, notadamente as crianças, pelo SUS. As crianças são mais expostas a estes poluentes porque as estruturas do corpo ainda não estão completas, e o pior, pelos mesmos motivos, apresentam efeitos mais graves que nos os adultos", diz Câmara, que é consultor do programa do Programa de Ações Integradas em Saúde de Brumadinho.

A professora Carmen acrescenta que é preciso uma maior vigilância do ambiente em Brumadinho. "Temos que ter uma maior frequência de coleta de amostras da água, do solo, da poeira e uma troca de informações entre as secretarias de Ambiente e Saúde do município e do estado. E precisamos de equipes de saúde melhor capacitadas. Infelizmente nessa área da saúde ambiental, mais especificamente da toxicologia, a formação dos profissionais de saúde não é a desejável. Em

#OrgulhoDeSerUFRJ

DIVULGAÇÃO/MEMORIAL BRUMADINHO



PARA NÃO ESQUECER Iniciativa das famílias, memorial tem a cor da lama que soterrou 272 pessoas

teve pouca variação, mas permaneceu num percentual alto. Isso se repete quando a gente avalia a população adulta. Os percentuais são duas ou até três vezes maiores do que o que observamos na população brasileira. Sintomas como chiado, falta de ar, irritação e tosse são muito frequentes em Brumadinho. Isso pode estar associado aos problemas ambientais, ao processo produtivo e à produção de poeira na região. É uma preocupação constante. Vamos checar se isso se mantém com os dados de 2024."

O estudo também avaliou aspectos de saúde mental. O diagnóstico de ansiedade ou problemas do sono foi reportado por 32,8% dos entrevistados adultos, em 2021, e por 32,7%, em 2023. "O diagnóstico de depressão se mantém em torno de 20% entre os adultos, o dobro da população do país. Usamos algumas escalas que nos permitem fazer triagens. Tanto em adultos quanto



O diagnóstico de depressão se mantém em torno de 20% entre os adultos, o dobro da população do país"

SÉRGIO PEIXOTO
Pesquisador da Fiocruz

em adolescentes há um aumento percentual de depressão e de ansiedade. Em algumas comunidades, o percentual ultrapassa 40%, um valor muito elevado. As

questões de saúde mental perderam por muito tempo após uma grande tragédia. Nossa pesquisa foi feita após a pandemia, então ela se sobrepôs ao rompimento da barragem em Brumadinho. É uma dupla carga para a população", avalia Peixoto.

PRÓXIMOS PASSOS

A análise dos dados coletados em campo em 2024 está adiantada. A equipe do programa vai voltar a Brumadinho em março para levar à população os resultados compilados de 2021 a 2023. "Esse é um compromisso do programa, temos que dar suporte às famílias. Ficamos lá na unidade de saúde à disposição delas, tiramos dúvidas", diz Carmen. A primeira etapa do programa cobre a coleta e a análise de dados até 2025. "Mas já vamos iniciar uma negociação com o Ministério da Saúde para prosseguir por mais alguns anos, com mais tempo de acompanhamento", adianta Peixoto.

NA ROTINA DOS PESQUISADORES, ACOLHIDA, AFLIÇÕES E INCERTEZAS

Ir a campo, coletar dados, conviver com as famílias, ver as crianças crescerem, ouvir queixas e lamentos, vivenciar angústias e dar colo. Os quatro anos de convívio com o sofrimento da população de Brumadinho transformaram a vida da professora Maíra Mazoto, pós-doutoranda do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ). Ela se emociona ao falar do contato constante com as famílias atingidas pelo desastre da mina Córrego do Feijão, em 25 de janeiro de 2019.

"De longe, a gente não tem a mínima ideia do tamanho da coisa. É uma população que está sofrendo até hoje, seis anos depois do desastre, e que ainda está em busca de respostas. Uma população marcada, com perda de familiares, ruptura social como um todo, formas de socialização que foram perdidas, que jamais vão retornar ao que era antes", relata Maíra, que é a coordenadora-executiva do Projeto Bruminha, e respon-



EQUIPE Pesquisadores do Projeto Bruminha dão suporte às famílias

sável pela logística do trabalho de campo.

Professora da Escola de Nutrição da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Maíra fez mestrado e doutorado no IESC/UFRJ, onde desenvolveu tese de pós-doutorado sobre a violação do direito humano à alimentação e nutrição adequadas em situações de desastre e injustiça ambiental.

"Brumadinho é também meu campo de estudos. Trabalhamos em quatro comunidades rurais, onde as pessoas costumavam plantar e criar animais. Muitas desenvolveram traumas, não conseguem mais fazer isso. Elas têm medo, não sabem se o solo está contaminado, se a água está contaminada, falam que os alimentos não crescem mais como cresciam antes", diz ela.

Para fazer o trabalho de campo, Maíra e os outros pesquisadores do Bruminha contam com o apoio de agentes comunitários de saúde, pessoas que também foram atingidas e moram nas comunidades. "Agora em março vamos voltar lá para levar os resultados do estudo às famílias. Os agentes avisam de nossa chegada, preparam o terreno, são fundamentais. Fazemos um informe de saúde para cada família, onde relatamos os resultados das análises. No caso das crianças, mostramos desde a evolução de peso e altura ao desenvolvimento neuropsicomotor. É o momento de acolhida, onde sentimos as aflições e incertezas das famílias".

Segundo Maíra, os encontros são uma mescla de consulta médica com sessão de terapia. "Vamos eu e uma pediatra do projeto e ficamos lá uma manhã ou uma tarde inteira atendendo as famílias. A gente abre o laudo e aquilo quer dizer, o impacto, o que precisa ser feito. Sempre que crianças apresentam al-

guma alteração que mereça mais atenção, nós encaminhamos para o serviço de saúde local". De 2021 para cá, Maíra confirma que a angústia é um sentimento que perdura na esteira do desastre de 2019. "Sentimos isso nas mães, esse sofrimento prolongado. Elas relatam episódios de violência que antes não havia na região, casos de depressão, até de suicídio. É como se fosse um trauma silencioso que permanece na região. As pessoas ficam mais receosas, desconfiadas. Se ouvem um barulho diferente já podem achar que é outro rompimento de barragem. É um cenário muito sensível".

Em 25 de janeiro, foi inaugurado o Memorial Brumadinho, no Córrego do Feijão, por iniciativa das famílias das vítimas. Ele é cercado por um bosque com 272 ipês-americanos, e é todo em tons de marrom, para lembrar a lama que mudou para sempre a vida do lugar.

No sábado passado (25), para marcar os seis anos do desastre, a Associação dos Familiares das Vítimas e Atingidos pelo Rompimento da Barragem em Brumadinho (Avabrum) organizou um ato com apoio do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). As duas entidades reivindicam um protocolo de saúde específico para atendimento às famílias de Brumadinho.

"Estamos muito preocupados porque cada vez o nível de contaminação aumenta no sangue das pessoas, nos animais, em todas as plantas. Tudo isso traz problemas sérios de saúde. Exigimos um protocolo específico e que a Vale arque com essa situação. Essa lama tóxica tem se espalhado, criado consequências. A gente vê pessoas doentes em toda a bacia do Rio Paraopeba. O mesmo acontece na Bacia do Rio Doce, atingida em 2015 pelo rompimento da barragem da mineradora Samarco, em Mariana", disse, no ato do dia 25, uma das coordenadoras do MAB, Joceli Andrioli.

Questionada pelo Jornal da AdUFRJ, a Vale esclareceu que "segue empenhada e comprometida com o propósito de reparar os impactos causados às pessoas, às comunidades e ao meio ambiente em Brumadinho". Sobre o estudo conjunto da UFRJ e da Fiocruz, a mineradora informou que irá avaliar detalhadamente os resultados divulgados para se posicionar. A empresa divulgou ainda que "no âmbito do Acordo Judicial de Reparação Integral há projetos com foco no fortalecimento dos serviços de saúde que vão desde aquisição de equipamentos médico/hospitalares, custeio de serviços até reformas/construção de unidades de saúde". Segundo a Vale, 17 mil pessoas já firmaram acordos de indenização com a empresa, entre civis e trabalhadores.

Artigo



FÁBIO HEPP

Professor Adjunto, coordenador do Laboratório de Anfíbios e Répteis do Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, e Pesquisador Associado do Museu Nacional

AUTOFERVURA ACADÊMICA

Livros de autoajuda “ensinando” aos leitores a “arte” de ignorar os problemas do cotidiano têm sido cada vez mais populares mundo afora. Aprender a não se importar com o seu entorno parece ser uma necessidade de sobrevivência do século XXI. Possivelmente, parte da causa esteja ligada à quantidade de notícias repassadas por minuto, a maioria negativa (diga-se de passagem), na era da informação. Ficar alheio às notícias e ao fatídico e aterrador futuro da sociedade e do planeta é uma defesa para patologias psicossômáticas cada vez mais comuns entre as novas gerações (além da frequente medicação receitada associada). Pessoas ao nosso redor reclamam sobre as notícias do país, estado, município, ou mesmo dos seus próprios vizinhos, mas optam por não se envolverem. Por que o fariam? Não é responsabilidade delas, certo? Que diferença fariam? Sem perceberem, contribuem, quase que igualmente, com os problemas tão avidamente criticados através da omissão. Até aí nada de novo! Consequência já conhecida do clássico: não fazer uma ação é uma ação por si só. E as suas implicações, se conscientes, são, ou deveriam ser, igualmente responsabilizadas. Portanto, o não envolvimento é um tipo de envolvimento.

É aí que entram as gestões do ensino público superior do país. As universidades públicas brasileiras (principalmente as federais) têm passado por intensos cortes de orçamento há alguns anos. Junto desta desvalorização orçamentária, muitos setores da sociedade têm criticado incisivamente o ensino público. Acusações envolvem excessos de gastos e baixa produtividade dos servidores e alunos. Tais acusações têm sido extensivamente rebatidas no espaço público e midiático sempre que possível. Não há dúvidas de que o ensino público de nível superior é de excelência no país. Basta lembrarmos dos números do último Ranking Universitário Folha (RUF) em 2024. Das 203 universidades ranqueadas, 112 são públicas (municipais, estaduais e federais) e 91 privadas. A média da nota geral do ranking é de

57,8 para as universidades públicas (64,4 considerando apenas as federais) contra 41,9 para as privadas. A primeira universidade privada no topo do ranking é a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) na 22ª posição. Números como esses nos lembram que, mesmo com as precariedades estruturais dos campi universitários, certamente um dos principais problemas atuais, as universidades públicas brasileiras têm realizado ensino, extensão e pesquisa de ponta no país.

O problema é que o orgulho dos resultados históricos, quase que milagrosos, tem se transformado vagarosamente a vergonha do sucateamento da universidade em um efeito filosófico tipicamente desconstrutivista ao modo “copo meio vazio”. Muitos alunos, técnicos administrativos, funcionários terceirizados e docentes encontram-se, por vezes, diariamente desmotivados. Ao longo dos anos, discursos ácidos relacionados à

frustração com as atividades acadêmicas são cada vez mais frequentes e dominantes dentro das universidades. Claro que críticas construtivas são extremamente importantes, assim como o envolvimento do corpo social com as possíveis soluções. Entretanto, ao longo dos últimos anos, a falta de envolvimento e o esvaziamento dos campi foi notória e, de certa forma, incentivada pela universidade.

Durante o segundo semestre de 2024, diversas instâncias da UFRJ suspenderam aulas e demais atividades acadêmicas com base em uma série de motivos. Há questões que de fato exigem suspensão das aulas: eventos acadêmicos periódicos como semanas de integração acadêmica e afins, e problemas de segurança e de fornecimento de estrutura básica, como falta de água e luz. Entretanto, em 2024, novos motivos incluíram jogos de futebol, eventos musicais e reunião do G20 na cidade. Adicionalmente, o CEG

estipulou o início do semestre letivo, da maioria dos cursos, apenas para o dia 24 de março (posteriormente antecipado para o dia 17 pelo Consuni).

A imagem que tem sido passada para a sociedade é de um esvaziamento e de uma baixa produtividade na universidade. O que, por sua vez, causa um efeito “bola de neve”, já que há um menor apoio da sociedade e de governantes a aumentos orçamentários, seguido de um ainda maior esvaziamento por alunos e servidores. Para os leitores baby boomers, essa sequência de eventos deve soar familiar. Algo muito parecido aconteceu com as instituições públicas de ensino básico ao longo das décadas de 70, 80 e 90 no país.

Críticas e ataques vindos da comunidade externa às universidades públicas sempre ocorrerão e eventualmente serão mais ou menos frequentes. Até um certo ponto, são bem-vindos. Fazem parte da construção democrática de uma busca por serviços mais eficientes com responsabilidade de gastos. Entretanto, quando a indiferença e o esvaziamento ocorrem por decisões da própria comunidade acadêmica, há certamente uma autossabotagem em andamento, mesmo que não consciente, com riscos altos e iminentes. Com o fogo da crítica de parte da sociedade aceso e a aceitação da própria fervura (ou seria melhor “fritura”, como na política) pela comunidade universitária, estamos na posição do sapo no famoso experimento do sapo fervido. Usado frequentemente como fábula, o sapo encontra a sua morte sem oferecer resistência após ser gradualmente fervido em uma panela. De forma análoga, a universidade pública está contribuindo ativamente, e de bom grado, com a sua própria fervura gradual e aparentemente indolor, com implicações sérias a sua sobrevivência.

As instâncias gestoras universitárias envolvem todo o corpo social, com seus representantes em conselhos gestores que usualmente tomam decisões democraticamente através de votações. Não há culpados individuais e nominais.

O que me resta, como especialista em anfíbios, é alertar o sapo de que ainda dá tempo de saltar para fora da panela.



Escola de Verão perpetua legado do mestre Barreiro

> Idealizado pelo professor emérito Eliezer Barreiro, falecido ano passado, evento chega à 31ª edição mantendo vivo o trabalho do pesquisador. Este ano, encontro reuniu 141 estudantes de sete estados

RENAN FERNANDES
comunica@adufrj.org.br

O ano de 2024 foi difícil para a comunidade acadêmica do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da UFRJ. No intervalo de um mês, duas referências no campo da Farmacologia brasileira partiram deixando uma legião de admiradores. O professor emérito Eliezer Barreiro e o professor Carlos Alberto Manssour Fraga foram os homenageados da 31ª edição da Escola de Verão em Química Farmacêutica Medicinal, que aconteceu entre os dias 27 e 31 de janeiro, no Centro de Ciências da Saúde.

Eliezer Barreiro foi o fundador da Escola de Verão, em 1994, e coordenador até 2019, quando deixou o cargo. Fraga, aluno e sucessor acadêmico de Barreiro, o substituiu na coordenação.

CONVIDADOS

Coube ao professor Carlos Maurício Sant’Anna, da UFRJ, assumir a direção da Escola na primeira edição sem os renomados professores. “É uma grande responsabilidade, mas, sobretudo, uma satisfação dar continuidade ao trabalho dos dois, que sempre foi reconhecido no Brasil e no exterior”, afirmou.

Sant’Anna é professor associado ao Laboratório de Avaliação e Síntese de Substâncias Bioativas da UFRJ (LASSBio). Como estudante de doutorado no Instituto de Química, co-orientado pelo professor Barreiro, esteve presente na primeira edição da Escola de Verão. Desde então, nunca mais se afastou. De aluno, passou a professor ministrando cursos. O docente mostrou felicidade em ver a continuidade do legado deixado por seu mestre. “O Eliezer temia que esse trabalho se perdesse quando ele não estivesse mais aqui. Tenho certeza de que, se ele pudesse ver o que está sendo feito, ficaria muito satisfeito”, disse com carinho.

O evento movimentou os silenciosos corredores do CCS no período de férias da graduação. A escolha pelo mês de janeiro vem desde a idealização da Escola de Verão. “Por ser um período de ociosidade nas universidades, permite a presença de estudantes de diferentes partes do Brasil”, explicou a professora Lídia Moreira Lima, do ICB e coordenadora do LASSBio.



“Tenho certeza que, se ele pudesse ver o que está sendo feito, ficaria muito satisfeito”

CARLOS MAURÍCIO SANT’ANNA
Diretor da Escola de Verão

Primeiro químico medicinal do Brasil, Barreiro criou o curso para sistematizar a disciplina nas universidades brasileiras, buscando diálogo com pesquisadores estrangeiros. “Dar o exemplo, pelo melhor exemplo”, recorda a professora Lídia do mantra de Eliezer.

Já passaram por edições anteriores nomes como Jörg Senn-Bilfinger, descobridor do pantoprazol, que reduz a acidez estomacal e Sir Simon Campbell, inventor da sildenafil, usada no tratamento de disfunção erétil.

A 31ª edição trouxe dois pesquisadores europeus. O professor alemão Stefan Laufer, da Universidade de Tübingen, foi o responsável pela conferência de abertura, agora chamada conferência Barreto-Fraga. Laufer mantém acordos de parceria acadêmica com laboratórios e professores brasileiros desde 2004. “O Brasil tem professores brilhantes, mas é importante também os estudantes terem contato com a ciência internacional”, afirmou o docente.

A professora italiana Maria Laura Bolognesi também participou do evento. “Se você é um bom cientista, precisa ser capaz de passar o conhecimento para os outros. A ciência deve ser para todos, por isso, eu adoro participar desse tipo de atividades”, celebrou.

A Escola de Verão conseguiu apoios financeiros que garantiram sua viabilidade. Além do apoio de empresas farmacêuticas, a verba do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Fármacos e Medicamentos (INCT-Inofar), financiado pelo CNPq e pela Paperj, possibilitou a oferta de bolsas para alunos e o financiamento de passagem e estadia para pesquisadores de outros estados e países.

VERDE E AMARELO

Se a principal missão da Química Medicinal é descobrir medicamentos, Barreiro sempre



FOTOS: BÁRBARA MASCARENHAS/LASSBIO

INTERCÂMBIO O pesquisador alemão Stefan Laufer fez a conferência de abertura da Escola de Verão



CONEXÃO Alunos podem abrir novos caminhos acadêmicos

levantou a bandeira do desenvolvimento de fármacos 100% nacionais. “Ele propôs esse curso como uma forma de divulgação da área, a partir da atualização de conceitos e estratégias em benefício de um pensamento maior, a descoberta de um fármaco verde e amarelo”, explicou a professora Lídia Lima.

A dependência brasileira das importações de medicamentos causava grande apreensão ao professor Eliezer. “Ele dizia que se tivéssemos uma guerra ou um embargo comercial, muita gente morreria por falta de remédios”, lembrou a docente.

As dificuldades de pesquisa na área são grandes. O trabalho

longo e custoso só é possível em colaboração com a indústria farmacêutica. A UFRJ desenvolve em cooperação científica com a empresa Eurofarma um trabalho iniciado pelo professor Barreiro de um fármaco para dor neuropática, uma alternativa de analgésico não opioide.

ESTUDANTES

A Escola de Verão contou este ano com 141 estudantes de sete estados do Brasil. O farmacêutico Célio Souza veio de Anápolis (GO) para sua terceira participação no evento. “Mandeí um e-mail para o professor Eliezer em 2015, umas duas horas da manhã. Quando acordei, ele já

tinha respondido. Me senti convidado”. Formado em 2011, Célio quer se manter em contato com as pesquisas mais recentes. “Aqui me mantenho conectado para, quando voltar para a academia, não estar tão distante do que se discute hoje na ciência”, disse.

Gustavo Mendonça, estudante do nono período de Farmácia na UFRJ, é aluno de iniciação científica do LASSBio e participou pela primeira vez. Aproveitou os cursos para desenvolver conhecimentos que podem ser úteis no laboratório. “A Escola é importante para nós que estamos no final da graduação. É uma oportunidade de pensar em novos caminhos no mestrado e no doutorado”.

O professor Pedro de Sena, do ICB, é um exemplo de como a Escola pode impactar no futuro acadêmico. Participou pela primeira vez em 2015, ainda como estudante de graduação. No curso, conheceu o professor Manssour, recebeu um convite para iniciação científica e depois ingressou no mestrado sob a orientação do docente. Pedro já foi monitor e, desde o ano passado, ministra cursos na Escola. “Aquele participação em 2015 foi uma virada de chave. Quando você vê pessoas fazendo o que você quer fazer e mostrando todo o potencial do trabalho de pesquisa, isso acaba te conquistando”.

SEJAM BEM-VIND@S! ❤️❤️❤️❤️

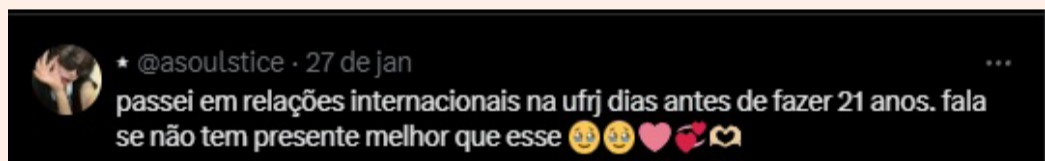
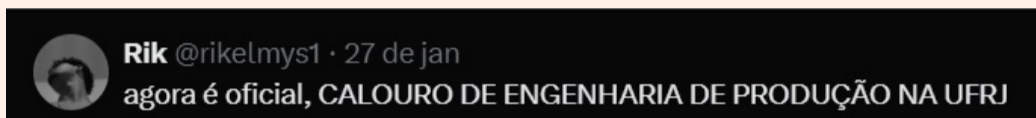
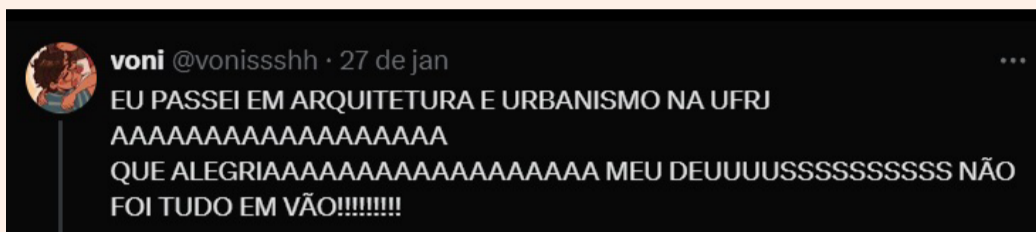
El@s são a força que renova a universidade a cada ano. A partir de 17 de março, os calouros começarão a circular pelos campi da maior federal do país. Mas, bem antes disso, com fotos ou breves depoimentos, muitos já exibem o orgulho de ser UFRJ nas redes sociais. Bastou sair o resultado do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) nesta semana. “Aprovada em 4º lugar em Pedagogia na UFRJ. Oficialmente, filha de Minervaaaa!”, escreveu Maria Lopes Paula. Outros foram além e também mostraram o nome do curso pintado nos braços, a exemplo de Gabriely Sampaio, que passou para Gastronomia. Em comum, todos vão em busca do sonho de uma vida melhor. O Jornal da AdUFRJ entrou em contato com alguns deles e reproduz nesta página as postagens que são um afago no coração e dão energia para o ano que se inicia. **Sejam tod@s bem-vind@s!**



@amrlaghata



@hiuizaa



@_bentomelo



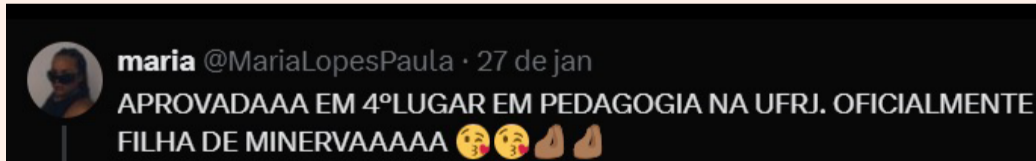
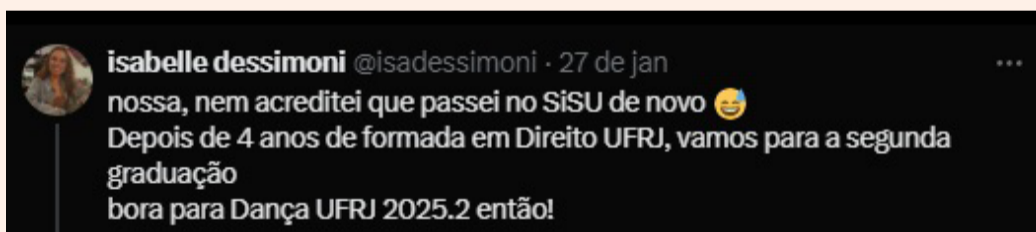
@santio_did



@piscaloverss



@_madikk



@marfigalvs



@lumapayne



@julxip



@GabrielyCaspai

